

## De boas intenções o jornalismo está cheio: o racismo transforma a repórter da TV Bahia em notícia e encobre a questão do trabalho escravo<sup>1</sup>

Ana Cláudia Condeixa de ARAUJO<sup>2</sup>  
Unifesspa, Pará, PA  
Ana Paula Procopio da SILVA<sup>3</sup>  
UERJ, Rio de Janeiro, RJ

“Será?  
Que já raiou a liberdade?  
Ou se foi tudo ilusão?  
Será? O será?  
Que a lei áurea tão sonhada  
Há tanto tempo assinada  
Não foi o fim da escravidão?  
Hoje dentro da realidade  
Onde está a liberdade?  
Onde está que ninguém viu?”<sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo é fruto da reflexão dos autores acerca da entrevista da empregada doméstica, Madalena Santiago da Silva, 62 anos, resgatada em março de 2022 pelos auditores fiscais do Ministério do Trabalho e Previdência (MTP), na Região Metropolitana de Salvador. Madalena viveu por mais de meio século em situação análoga à escravidão, sem salário e sendo maltratada pela família com que vivia. Tentando recomeçar a vida, concede uma entrevista à repórter Adriana Oliveira para o programa Bahia Meio-Dia na TV Bahia, afiliada da Rede Globo. É deste ponto que parte a nossa reflexão acerca da espetacularização do corpo negro, da desgraça e do racismo no discurso jornalístico.

**Palavras-chave:** mulher negra; racismo jornalístico; trabalho escravo contemporâneo; trabalho infantil.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde do ICICT/Fiocruz, docente e vice-diretora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) - e-mail: [acondeixa@unifesspa.edu.br](mailto:acondeixa@unifesspa.edu.br)

<sup>3</sup> Doutora em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social -PPGSS da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora adjunta da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – e-mail: [ana.procopio@uerj.br](mailto:ana.procopio@uerj.br)

<sup>4</sup> Letra do samba-enredo da Escola de Samba da Estação Primeira de Mangueira de 1988, “Cem anos de Liberdade: Realidade ou Ilusão”, composição de Alvinho, Hélio Turco e Jurandir. <http://academiadosamba.com.br/passarela/mangueira/ficha-1988.htm>, acesso em 15/06/2022

---

## Introdução

Em 2021, o Ministério do Trabalho e Previdência resgatou 768 pessoas vivendo em situação análoga à escravidão. Até 13 de maio de 2022, as ações concluídas de combate ao trabalho escravo da Inspeção do Trabalho resgataram um total de 500 trabalhadores que estavam sendo explorados em condições de escravidão contemporânea. O número foi impactado pelo resgate de 273 trabalhadores em uma única ação realizada em Minas Gerais<sup>5</sup>. Em relação ao perfil social das pessoas resgatadas de escravidão contemporânea até o momento em 2022, dados do seguro-desemprego do trabalhador resgatado mostram que 95% são homens; 31% têm entre 30 e 39 anos e 49% residem na região nordeste. Quanto ao grau de instrução, 23% declararam possuir até o 5º ano incompleto, 17% haviam cursado do 6º ao 9º ano incompletos. Do total, 6% dos trabalhadores resgatados em 2021 eram analfabetos. Maioria dos 2.043 pretos e pardos encontrados em situação análoga à escravidão entre 2016 e 2018 é de jovens, nordestinos e sem escolaridade. Não resta outra conclusão senão a de que os dados revelam sobre a relação entre a marginalização das populações negras e o trabalho escravo contemporâneo no Brasil.<sup>6</sup> As atividades econômicas onde até o momento mais se identificou exploração de mão-de-obra em condição análoga à de escravo nas ações concluídas em 2022, quanto ao número de resgatados, foram o cultivo de cana-de-açúcar (299), a produção de carvão vegetal (54), o cultivo de alho (25) e a criação de bovinos para corte (23). Dentre as ações concluídas em 2022, foram resgatadas de trabalho escravo doméstico 5 mulheres em 2022, nos estados do RS, PB, BA, MG e RJ<sup>7</sup>. Outras ações fiscais envolvendo resgates de trabalhadores domésticos estão em andamento.

Entre 1995 e setembro de 2019, mais de 54 mil pessoas foram encontradas em regime de escravidão em fazendas de gado, soja, algodão, café, laranja, batata e cana-de-açúcar, mas também em carvoarias, canteiros de obras, oficinas de costura, bordéis, entre outras unidades produtivas no Brasil. (SAKAMOTO, p. 7, 2020)

---

<sup>5</sup><https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/noticias-e-conteudo/trabalho/2022/maio/acoes-da-inspecao-do-trabalho-concluidas-em-2022-resgataram-500-trabalhadores-condicoes-analogas-as-de-escravo>, acesso em 30 de maio de 2022.

<sup>6</sup><https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/noticias-e-conteudo/trabalho/2021/dezembro/fiscalizacao-resgata-quatro-trabalhadores-na-cidade-de-aquiraz-ce>, acesso em 30 de maio de 2022.

<sup>7</sup><https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/noticias-e-conteudo/trabalho/2022/fevereiro/auditores-fiscais-do-trabalho-resgatam-285-trabalhadores-em-mg>, acesso em 30 de maio de 2022.

---

Com o fim da escravidão como regime jurídico legalizado, em 13 de maio 1888, esse modo de exploração passou a ser definida por diversos autores como trabalho escravo contemporâneo (Sakamoto, 2020; Figueira; Prado; Galvão, 2016; 2019; Figueira; Prado, 2011; Cerqueira et al, 2008). Uma expressão da questão social que tem dimensões agrárias e urbanas, estratégica para ampliação das taxas de lucro e manutenção das condições de competitividade em uma economia globalizada e definida sob as regras de um ultra neoliberalismo, assim entendido a partir das exigências que ultrapassam as privatizações e os cortes dos recursos das políticas públicas, mesmo aquelas focalizadas e compensatórias. Um contexto em que estão sendo minados não somente todos os graus de resistência aos novos padrões de acumulação, mas em que verificamos o aumento expressivo da descartabilidade de populações negras e indígenas (SILVA, 2020). Ou seja, não se trata do resquício de formas arcaicas de exploração resistentes à modernização das forças produtivas. A funcionalidade do trabalho escravo contemporâneo ao sistema capitalista é o fator estrutural que faz com que ano após ano milhares de pessoas (mulheres, homens e crianças) sejam aliciadas, traficadas e submetidas a condições desumanas de trabalho, forçadas a permanecer em relações abusivas sob coação física e psicológica que incluem desde os desaparecimentos forçados até os assassinatos.

Contudo, essas relações não são sustentadas unicamente pelo conflito entre capital e trabalho assalariado na sociedade capitalista. O racismo é um elemento estrutural e estruturante das relações de dominação e exploração de classe, que não se origina nestas relações, mas que toma uma forma especificamente capitalista[...] (SILVA, p. 307, 2020)

A superexploração que caracteriza o trabalho escravo contemporâneo atinge mais agudamente os grupos sociais historicamente submetidos à processos de discriminação sistemática, condição que se reverte em uma estratificação social constituída de iniquidades políticas e econômicas materializadas na forma de pobreza, de salários mais baixos, de menor acesso aos sistemas de saúde, educação e empregos formais, de maiores chances de encarceramento e de morte, como é o caso das populações negras no Brasil e mais particularmente as mulheres negras. A escravidão foi abolida formal e juridicamente, contudo, na realidade concreta, negras e negros continuaram sendo subjugados nas relações de trabalho. Uma abolição inconclusa que libertou das senzalas, mas acorrentou na miséria e na violência do Estado.

---

A reportagem que é o mote para o presente texto tem o trabalho escravo doméstico contemporâneo como foco, o que nos leva a pensar as condições em que mulheres negras são ainda na atualidade aprisionadas como empregadas domésticas desde a infância. Gênero, raça, geração e classe são entrelaçados na perspectiva interseccional crítica para nos apropriarmos do problema como uma questão estrutural, cujas origens estão no escravismo e na pós-abolição sem direitos, que no caso das mulheres negras são sintetizadas pelo racismo patriarcal. Um conceito que remete a experiência histórica de exploração e opressão centralizada no racismo e no sexismo, visto que em nosso país as relações de gênero são mediadas pela escravidão. Assim, de forma tanto singular como coletiva, as mulheres trabalhadoras negras e pobres no Brasil vivenciam cotidianamente múltiplas violações de direitos que contribuem para a continuidade das desvantagens simbólicas e materiais decorrentes de sua inserção subordinada na divisão racial, sexual e de gênero do trabalho, em que ocupam as funções mais desvalorizadas e menos remuneradas e estão mais vulneráveis à apropriação de suas vidas para o trabalho escravo doméstico.

Fossem escravizadas ou livres, a prestação do trabalho doméstico “sempre constituiu o principal setor de inserção das mulheres no universo do trabalho no decorrer da formação da sociedade brasileira” tendo sido, nos períodos colonial e do Império, a escravidão doméstica, “uma das principais modalidades de utilização do trabalho escravizado” (SOUZA, p. 244, 2012).

A disseminação do exercício das funções domésticas por escravizadas naturalizou as mulheres negras como figuras indispensáveis à manutenção do ambiente doméstico e da economia familiar, pois as tarefas não se limitavam à limpeza das casas, pois executavam atividades que integravam a “produção familiar em setores como alimentação, vestuário, fabricação de equipamentos e utensílios para o trabalho” (Algranti apud Souza, p. 245, 2012). Outra forma de arrecadação com o trabalho doméstico escravizado era o aluguel de sua força de trabalho ou o seu uso “ao ganho”, em que as escravizadas ofereciam seus serviços na rua e a remuneração obtida deveria ser repassada aos proprietários. Uma forma de organização da vida social que também contribuiu para a banalização da exploração do trabalho infantil de meninas negras.

Precisa-se alugar na Rua do Lavradio n. 84, uma preta que saiba lavar, engomar, cozinhar e comprar; não excedendo de 8\$rs mensais. Na mesma casa precisa-se de uma negrinha para andar com uma criança,

---

que esta seja carinhosa, e não exceda o aluguel de 6\$rs mensais (Jornal do Commercio, 21 jan. 1835 apud Souza, p. 248, 2012)

No Brasil, o trabalho infantil, na forma de escravidão doméstica contemporânea, tem as meninas negras como principais vítimas. Conforme os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) sobre Trabalho de Crianças e Adolescentes, em 2019, havia 1,768 milhão de crianças e adolescentes de cinco a 17 anos em situação de trabalho infantil, sendo que 66,1% das crianças em situação de trabalho precoce eram pretas ou pardas.

O trabalho doméstico infantil consta na Lista das Piores Formas de Trabalho Infantil-Lista TIP (BRASIL, 2008) e costuma ser invisibilizado, por ocorrer no interior das residências. Em 2016 o Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI), apurou que essa atividade é realizada por meninas em 94% dos casos, sendo 73,4% negras, submetidas a jornadas extenuantes, comprometimento da saúde, abusos psicológicos e violência sexual.

É ainda comum no país, meninas serem levadas para trabalhar em outras cidades, na casa de parentes e conhecidos da família, muitas das vezes com a justificativa de que terão oportunidade de estudar e na verdade são obrigadas a cuidar da casa e de outras crianças menores, muitas vezes sem direito de frequentar a escola. Nas recorrentes reportagens sobre o resgate de mulheres negras em situação de escravidão doméstica contemporânea observamos que se sobrepõe como mais uma violência, o fato delas terem sido exploradas desde a infância, o que demonstra o cruzamento entre a perda do direito à infância, o racismo e o sexismo.

O racismo é por nós entendido como um elemento estrutural de uma racionalidade instituída para ser a norma de compreensão e manutenção das relações sociais. É uma afirmação que implica pensá-lo como o fundamento das sociedades ocidentais contemporâneas, o que abrange as dimensões da economia, da política e da cultura. Não sendo, portanto, uma anomalia no interior do sistema, mas o seu modo próprio de funcionamento. Por outro lado, articulado às complexidades das relações sociais contemporâneas, o racismo é também um elemento estruturante, que dinamiza o sistema, ao mesmo tempo em que favorece, condiciona e mantém um tipo específico de racionalidade. “É um agente expressivo que articulado a outros, como por exemplo o

---

patriarcado e o sexismo, impede a erosão das relações de exploração e das condições de desigualdade presentes em todas as dimensões da vida social” (SILVA, p. 30, 2017).

### **Contextualização**

A empregada doméstica Madalena Santiago da Silva viveu 54 dos seus 60 anos sem receber salários, maltratada e roubada pela família para quem trabalhava em Lauro de Freitas, na Região Metropolitana de Salvador. Após ser resgatada pelos auditores-fiscais do trabalho do Ministério do Trabalho e Previdência (MTP), em março de 2021, tenta recomeçar a vida e num desses movimentos, deu seu depoimento à jornalista Adriana Oliveira, repórter da TV Bahia, afiliada da Rede Globo, em 27 de abril de 2022. A entrevista ganhou grande repercussão e virou notícia em muitas emissoras e sites de notícias pelo Brasil.

A história de Madalena Santiago da Silva, começou a ser desvendada através da carta deixada pelo antigo patrão, Carlos Leal, antes de morrer. Carlos era casado com Sônia Seixas Leal, atualmente com 88 anos, mas, tinha 32 quando Madalena chegou para trabalhar em sua casa com apenas 8 anos. Na carta, escrita por Carlos, em abril de 2018, ele narra o tratamento recebido por Madalena na casa onde viveu por anos, a violência que deixou traumas profundos e que ainda, ela teria sido roubada pela filha do casal, a advogada Cristiane Seixas Leal. Carlos descobriu que a filha havia roubado dinheiro da poupança da mãe, pedido em empréstimos em nome da doméstica, além de ter guardado para si, cerca de 20 mil da aposentadoria de Madalena, benefício este que a doméstica sequer tinha conhecimento. Carlos apelou para que a filha trabalhasse para devolver o dinheiro que roubou de Madalena.

### **A Reportagem Bahia Meio Dia<sup>8</sup>**

O caso de Madalena foi notícia em 27 de abril de 2022 no Bahia Meio Dia, edição Salvador. O telejornal diário da TV Bahia, afiliada da Rede Globo, é apresentado por Jéssica Senra e Vanderson Nascimento, tem duração de pouco mais de 60 minutos e traz

---

<sup>8</sup> <https://globoplay.globo.com/v/10524831/>, acesso dia 30 de maio de 2022.

---

assuntos importantes da manhã como trânsito, obras entre outros temas de relevância para a capital baiana.

Aos 36'38'' a apresentadora chama atenção para a entrevista que iria ao ar a seguir, sob o título “Trabalho Escravo na Bahia, 3.3788 pessoas já foram resgatadas no estado”. A apresentadora faz a chamada da matéria, como podemos observar abaixo.

Eu quero chamar sua atenção para esta reportagem que a gente vai mostrar agora. Aqui na câmera fechada, que eu quero falar com quem está em casa. O ano é 2022, hoje é dia das trabalhadoras domésticas. A gente sabe que os direitos das domésticas foram regularizados a pelo menos 7 anos atrás, em 2015, mas, infelizmente a categoria não tem o que comemorar porque aqui na Bahia, apesar da regulamentação da lei, 85% destas trabalhadoras não têm carteira assinada. E pior, algumas são submetidas à condições análogas à escravidão.

Na sequência, a reportagem contou com textos em *off* e com imagens relativas aos resgates de trabalhadores, sonoras e uma passagem. Aos 39'06'' (trinta e nove minutos e seis segundos), a repórter Adriana Oliveira narra a situação de trabalhadoras domésticas na Bahia, segundo estado que mais tem trabalhadores escravizados. Sob a legenda “Trabalhadoras Domésticas Lutam por Reconhecimento”, ela conta a história de Leda Lucia dos Santos, cujo patrão, foi o primeiro empregador domésticos que entrou na lista suja do Ministério Público do Trabalho por submeter domésticas à escravidão. Leda, 62 anos, foi uma das oito empregadas domésticas resgatadas em 2021. Foi doméstica na mesma casa desde os 9 anos, nunca recebeu salário, era proibida de sair e vivia sob ameaças.

Na sequência, a história de Madalena Santiago da Silva começa a ser contada aos 40'45'' (quarenta minutos e quarenta e cinco segunda ). O texto em *off*, conta com imagens da repórter chegando à casa de Madalena e sendo recebida.

Em Lauro de Freitas, na região Metropolitana, somos recebidos por Madalena. A doméstica nos recebeu na casa que está vivendo desde que foi resgatada em março. Ela passou 54 dos 62 anos de vida, sem receber salário, maltratada e roubada. A filha dos patrões fez empréstimos no nome dela e ficou com R\$20 mil reais da aposentadoria da doméstica.

Aos 41'10'' (quarenta e um minutos e dez segundos), inicia uma sonora com a fala da doméstica no que parece estar respondendo uma pergunta.

Madalena: Eu tava sentada assim na sala e ela passou assim com uma bacia de água e queria arrumar na minha cara. Eu disse, você pode arrumar, mas, não vai ficar por isso não, pode arrumar. Eu fiquei quieta. Ela disse, sua nega desgraçada, vai embora agora. No sábado, nove horas da noite, chovendo, aí eu fiquei olhando pro céu, pro tempo, pra onde que eu vou a essa hora.

Aos 41'34''(quarenta e um minutos e trinta e quatro centavos) entra mais um texto em *off*, as imagens que ilustram são da entrevista anterior.

Hoje, Madalena recebe seguro-desemprego e um salário-mínimo da ação cautelar do MPT, mora de aluguel e teve a casa mobiliada com doações de uma antiga vizinha que virou amiga.

Mais um texto em *off* aos 41'49''(quarenta e um minutos e quarenta e nove segundos), traz imagens da *Imagens de Liane Durão, Auditora-fiscal do Trabalho*

Neste primeiro ano, o projeto de combate à exploração do trabalho doméstico, 550 empregadores foram fiscalizados na Bahia, 90% das denúncias são de Salvador.

Aos 41'58''(quarenta e um minutos e cinquenta e oito segundos), uma sonora, traz às considerações da Auditora-fiscal.

O que chama muita a atenção da gente nas fiscalizações planejadas, foi o nicho de cuidadores. São pessoas que muitas vezes estão ali sozinhas para dar conta de um idoso por um período imenso de tempo. Não tem uma pessoa para substituir neste posto de trabalho, fica uma semana, um mês, às vezes vai uma vez por mês pra casa e fica em função desde idoso. Então foi uma atividade que a gente percebeu muita irregularidade em relação a jornada, inclusive falta de registro de jornada, de pagamento de horas extras.



Aos 42'31'' (quarenta e dois minutos e trinta e um segundos), mais um trecho em off, traz imagens da entrevista.

A violência sofrida por Madalena foi tão grande que apagou a identidade dela e deixou no lugar, medo, muito medo.

Aos 40'40'' (quarenta minutos e quarenta segundos), Madalena volta à cena para mais um trecho da sua entrevista.

Madalena: Eu tenho medo, eu tenho receio de pegar na sua mão branca.

Adriana Oliveira(repórter): mas você tem medo de que?

Madalena: Não, porque eu vejo sua mão branca, aí eu pego a minha e boto em cima da sua e eu acho feio isso.

Adriana – Sua mão é linda, a sua cor é linda, olhe pra mim. Aqui não tem diferença.

Pode ter aqui, o tom é diferente

Madalena – Tem diferença, olha aí ó, olha pra minha, olhar pra sua.

Adriana: Pode ter essa diferença aqui de cor, mas você é mulher, eu sou mulher, os mesmos direitos e o mesmo respeito, que todo mundo tem que ter comigo, tem que ter com você.

Por fim, aos 43'30'' (quarenta e três minutos e trinta segundos) mais um trecho em off, fecha a matéria. A imagem é da repórter abraçando Madalena.

Dona Madalena ainda não tem noção da força que tem. Sem saber chacoalha o racismo com sua simplicidade, coragem e vontade de abraçar a nova vida.

O encerramento aos 43'47'' (quarenta e três minutos e quarenta e sete segundos), feito pelos apresentadores diz:

Jéssica - Até difícil falar né, depois dessa imagem né? Desse depoimento, do que Dona Madalena relata. “Ce” veja, essas pessoas vivem entre nós, essas pessoas estão aí no dia a dia posando de cidadãos e cidadãs de bem, respeitosos e tratando empregados

domésticos, seres humanos desta forma, minha gente. Geralmente empregadas domésticas são mulheres, negras, com baixa escolaridade, veja como a falta de educação colabora para a exploração, pra violência. Leda nem sabia que tinha direito a receber um salário, minha gente. Olha, é inaceitável. O MPT precisa ... tá fazendo um bom trabalho neste sentido, precisa ficar mais em cima porque 85% das trabalhadoras sem carteira assinada, ou seja, sem os direitos respeitados. Você já imaginou, 85% de uma categoria não tem os seus direitos respeitados. Isso é inaceitável.

Vanderson - 44'43'' Mandar um abraço aqui pra Dona Madalena, que sei que está acompanhando o Bahia Meio Dia, com traumas acompanhados por uma vida inteira de exploração, de racismo, de racismo dentro de casa, racismo estrutural. "Cê" viu ela com medo de pegar na mão de Adriana. Um abraço pra senhora Dona Madalena, ainda bem que a senhora se livrou daquilo. E você que acompanha o Bahia Meio Dia tem que estranhar quando vai a uma casa uma família e perceber que tem uma empregada que não dorme, que não tem folga, que tá lá de janeiro a janeiro e denunciar também porque tem muita gente como Jéssica bem pontou, que tá pagando de bom cidadão, boa cidadã e tá explorando mão de obra preta, pobre e, principalmente, de mulheres. 45'19''

Jéssica - E a situação está muito difícil e muitos trabalhadores e trabalhadoras acabam se submetendo, inclusive a esta questão de não assinar carteira. Porque a vida tá difícil, a gente tá vendo, seis em cada dez brasileiros, por exemplo, reduziram gastos (faz a passagem para a outra matéria).

### **Análise da reportagem: a espetacularização do corpo negro, o deslocamento do racismo e a construção da branca salvadora**

A matéria do Bahia Meio Dia de 27 de abril, teve ao todo 9'30'' (nove minutos e trinta segundos). Foram quase dez minutos de informações acerca do resgate de pessoas que viviam uma situação análoga à escravidão. Para que seja possível analisar os discursos construídos pelos diferentes autores, presentes na matéria de 27 de abril de 2022, vamos buscar compreender os sentidos produzidos pelos sujeitos e compreender a relação estabelecida pelo sujeito com a história e com a língua, definindo discurso como resultado de um processo de construção simbólica, em que os sentidos são construídos,

emergem e inscrevem-se a partir da relação que é estabelecida com os sentidos já postos em funcionamento e sempre retomados por sujeitos, num constante movimento em (dis)curso, a cada situação de enunciação.

“Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio- históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas, de todo modo, atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço.” Pêcheux (1990: 96)

Para analisar os fragmentos, optamos pela Sequência Discursiva (SD), podendo ser oral ou escrita seu sentido tem uma dimensão superior à frase. É preciso compreender que, seja pela própria natureza da frase e a forma como o fragmento é recolhidos, extremamente variável, acarreta a Sequência Discursiva (SD) uma noção vaga. Depende, na verdade, dos objetivos conferidos ganharem um tratamento particular [...]; os procedimentos de segmentação, que acabam por atribuir uma forma determinada a uma sequência. (COURTINE, 1981).

### **Trecho da entrevista: análise**

Madalena: Eu tenho medo, eu tenho receio de pegar na sua mão branca.

Adriana Oliveira: mas você tem medo de que?

Madalena: Não, porque eu vejo sua mão branca, aí eu pego a minha e boto em cima da sua e eu acho feio isso.

Adriana – Sua mão é linda, a sua cor é linda, olhe pra mim. Aqui não tem diferença. Pode ter aqui, o tom é diferente

Madalena – Tem diferença, olha ai ó, olha pra minha, olhar pra sua.

Adriana: Pode ter essa diferença aqui de cor, mas você é mulher, eu sou mulher, os mesmos direitos e o mesmo respeito, que todo mundo tem que ter comigo, tem que ter com você.

A Madalena, dedicaram cerca de dois minutos e meio. Dentro deste período, destacamos o trecho acima, como ponto importante da discussão que trazemos. Se já não

fosse a expressão máxima do racismo estrutural a que o povo preto é submetido no Brasil, o comentário da jornalista, é a materialização do racismo no discurso jornalístico.

### Sequência Discursiva 1

“Sua mão é linda, sua cor é linda, olhe pra mim. Aqui não tem diferença. Pode ter aqui, o tom é diferente.”, demonstra o quanto a repórter, uma mulher branca, é indiferente aos sentimentos apontados pela doméstica.

Não satisfeita, Adriana, continua **SD 2**:

“pode ter essa diferença aqui, de cor, mas, você é mulher, eu sou mulher, os mesmos direitos e o mesmo respeito, que todo mundo tem que ter comigo, tem que ter com você”

A jornalista insiste em não compreender o que aquela mulher escravizada por mais meio século quer dizer. E, ao insistir em que são iguais por serem mulheres, mais uma vez, desloca o sentido do que está sendo apontado, ignorando o fato de, apesar de serem mulheres, suas histórias as colocam num nível de desigualdade. Ela faz prevalecer o sentido atribuído por ela, ignorando e desqualificando o que diz Madalena, a entrevistada e, para nós jornalistas, a protagonista da história.

### SD 3



---

**SD 4**

Dona Madalena ainda não tem noção da força que tem. Sem saber chacoalha o racismo com sua simplicidade, coragem e vontade de abraçar a nova vida

A SD 3 e 4, fazem parte de um mesmo conjunto discursivo, pois se trata de imagem e texto em off( ou seja, em áudio ). A SD 3, é imagem construída frame a frame, é resultado da conversa entre entrevistadora e entrevistada. Ignorando o choro e a angústia da entrevistada, a repórter constrói um caminho discursivo onde ele abandona o lugar de quem busca conhecer a história do outro, uma escriba à serviço de quem tem algo a dizer e aposta numa jogada midiática que a torna a grande benemérita. Adriana abraça Madalena porque ao abraçá-la, ela, mulher branca, protege a mulher preta de toda dor e racismo vividos e seu abraço, mostra aos expectadores, que ela é mulher boa e vê a todos como iguais.

**SD 4**

A Sequência Discursiva 4, “Dona Madalena ainda não tem noção da força que tem. Sem saber chacoalha o racismo com sua simplicidade, coragem e vontade de abraçar a nova vida” é forjada de ironia. O que a ela crer que Madalena não sabe a força que tem? Ela não chorou hora nenhuma enquanto contava sua história de exploração, nem quanto foi expulsa pela patroa numa noite chuvosa. Suas lágrimas vieram quando foi praticamente obrigada a dar às mãos à jornalista. Chacoalhar o racismo com coragem, sim, faz muito sentido, mas com vontade de abraçar, é um *off* perfeito, um pano de fundo, para uma cena que se tornaria presente nos dias subsequentes à veiculação da matéria.

A complexidade de um conjunto de imagens dentro da própria imagem se reduz a um processo de interpretação uniforme, e um sentido (que se quer) literal se impõe. Assim, a imagem torna-se um complemento, um acessório, destituída de seu caráter de texto, de linguagem, uma vez que, ao ser traduzida através de sua verbalização, apaga-se como elemento que pode se tornar visível. É o verbal se sobrepondo ao não verbal. Por mais que uma imagem valha mais do que mil palavras, o leitor não tem uma leitura partida, ele lê um conjunto.

---

## Considerações finais

A história daquela senhora de pele preta retinta, aos prantos, dizendo ter medo de colocar sua mão preta sobre a mão branca da repórter, somado ao abraço entre a repórter e a doméstica foram, de diferentes formas, explorados nos veículos de imprensa de abril a maio. De 27 de abril a 9 de maio, cerca de 40 matérias foram veiculadas nos mais diferentes veículos de imprensa, sempre com a imagem do abraço ilustrando a chamada

Para além de todo o racismo contido no discurso jornalístico apresentado e analisado nos itens acima, podemos destacar que, um dos apresentadores, o jornalista Vanderson Nascimento, um homem negro, aliás, a única pessoa preta, em destaque na matéria em questão, além de Dona Madalena, a ele foi concedida menos de 1 minuto e ao final da reportagem. E ainda que o seu discurso tenha demonstrado empatia, considerando que ele talvez fosse a única pessoa que tivesse condições de falar com propriedade, mesmo sendo um homem, dele foi furtado tempo e espaço dentro dos quase dez minutos de reportagem. E que, apesar dos esforços para demonstrar um ambiente não racista, das tentativas da repórter seja na comparação da cor da pele como mero detalhe, o abraço entre aquelas duas mulheres, é visível e inegável, o racismo neste caso apresentado e no cotidiano do jornalismo brasileiro

## Referências

ARAÚJO, Ana Cláudia Condeixa de. **A AIDS e a imprensa: as vozes e os silêncios nas reportagens do dia mundial da luta contra AIDS de 1988 a 2013.** Tese de Doutorado. Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. Decreto n.º 6.481, de 12 de junho de 2008. **Regulamenta os artigos 3º, alínea “d”, e 4º da Convenção 182 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que trata da proibição das piores formas de trabalho infantil e ação imediata para sua eliminação,** aprovada pelo Decreto Legislativo nº 178, de 14 de dezembro de 1999, e promulgada pelo Decreto nº 3.597, de 12 de setembro de 2000, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm). Acesso em 19 jul. 2022.

CERQUEIRA, G. C. de et al. **Trabalho escravo contemporâneo no Brasil: contribuições críticas para sua análise e denúncia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

FIGUEIRA, R. R.; PRADO, A. A.; Galvão, E.M. **Escravidão: moinhos de gentes no século XXI.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

---

FIGUEIRA, R. R.; PRADO, A. A.; Galvão, E.M. **Discussões contemporâneas sobre trabalho escravo: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

FIGUEIRA, R. R.; PRADO, A. A. **Olhares sobre a escravidão contemporânea: novas contribuições críticas**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

MOURA, Flávia. O Trabalho escravo na mídia brasileira: análise de reportagens jornalísticas televisivas como tecnologia do imaginário. In: GALVÃO, Edna M. et al. **Discussões Contemporâneas sobre Trabalho Escravo: teoria e prática**. Rio de Janeiro. MAUAD, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Ed. Pontes, 1999.

PECHÊUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica da afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_ **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes. 1990.

SAKAMOTO, L. (org.). **Escravidão contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2020.

SILVA, A. P. P. **Racismo e ultraneoliberalismo: uma relação necessária às reflexões sobre a expropriação de direitos na crise contemporânea do capital**. In: MAURIEL, A. P. O; KILDUFF, F.; SILVA, M. M. da; LIMA, R. S. (Orgs.). Crise, ultraneoliberalismo e desestruturação de direitos. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

SOUZA, F.F. de. Escravas do lar: as mulheres negras e o trabalho doméstico na Corte imperial. In: XAVIER, G.; FARIAS, J.B; GOMES, F. (org.). In: **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012.

SOUZA, T. C. A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. In: **RUA**, Campinas, SP, v. 7, p. 65-94, 2001.